



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i1.1600>

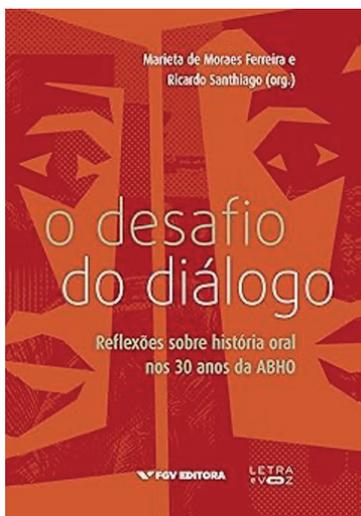


## O desafio do diálogo: ecos do passado e vozes do presente nos 30 anos da ABHO

Nelson Barros da Silva Júnior\*

ORCID iD 0000-0002-7872-5728

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil



FERREIRA, Marieta de Moraes; SATHIAGO, Ricardo (Org.). *O desafio do diálogo: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV Editora; São Paulo: Letra e Voz, 2024.

---

\* Graduado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: nelson.bdsj@edu.udesc.br.

Em 2024, a Associação Brasileira de História Oral (ABHO) celebrou três décadas de existência, um marco que reflete as vozes, as memórias, os encontros e as gerações. Nascida no calor das trocas e diálogos do II Encontro Nacional de História Oral, no Rio de Janeiro, em abril de 1994, a associação atravessou o tempo tecendo narrativas, ampliando horizontes e criando um terreno fértil para futuras gerações. A ABHO não somente lançou sementes, como também nutriu raízes profundas que consolidaram a história oral como um campo plástico, multifacetado e em constante mutação, composto por matrizes, misturas e dimensões, como já anunciava Ricardo Santhiago (2013). É algo que lembra a imagem da bússola, trazida por Marieta de Mores Ferreira (2002) e bem lembrada por Ana Maria Mauad, Juniele Rabêlo de Almeida e Ricardo Santhiago (2016). Também prefiro observá-la como um farol em meio à escura neblina da história. A história oral ilumina contornos antes invisíveis. É indiscutível a relevância da ABHO como catalisadora nesse longo caminho.

Um campo cultivado, que, com o decorrer do tempo, se espalhou como um rio afluente, atraindo pesquisadores de diferentes terras e instituições. O que era considerado um terreno a ser desbravado, hoje é um campo parcialmente institucionalizado, fértil, vigoroso, estimulante e, sobretudo, receptivo aos estudos e teses das gerações futuras, devido à integração de arquivos, centros de memória, departamentos e programas de pós-graduação de diferentes regiões do país. A história oral parece abrir um buraco no mundo, só de ida, motivada pela ideia de escutar e olhar, que, a meu ver, são ações e noções simultâneas fundamentais que constroem inserções simbólicas em forma de rastros e restos de uma linguagem até então enfraquecida. A primeira lição a ser aprendida com o desafio do diálogo é que escutar o outro implica ouvir o que ele está dizendo, e não o que nós mesmos desejamos ouvir (Dunker; Thebas, 2019).

A coletânea *O desafio do diálogo: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*, publicada pela FGV Editora e pela Letra e Voz, organizada por Marieta Ferreira de Moraes e Ricardo Santhiago, costura experiências, iniciativas, relações dialógicas e enunciações com objetivo de estimular e nutrir simultaneamente o caráter de expansão e renovação, ao passo em que apresenta valores éticos e intelectuais dos 30 anos de atuação da ABHO. A história oral, sob a lente dos organizadores, é densa, rica e múltipla, o que fica bem evidente nas reflexões, autorreflexões sobre suas práticas, seus contornos e ângulos, que pintam e bordam uma paisagem cada vez mais colorida.

É, antes de tudo, uma obra coletiva que, como um farol, ilumina iniciativas, eclosões e o enriquecimento dos saberes inter e multidisciplinares. É um movimento de múltiplos olhares, não somente de dentro do campo, mas também de fora dele. Olhares que refletem sobre a metodologia, epistemologia, ética, política, filosofia e modos de saber-fazer. A coletânea se desdobra em uma introdução e três partes compostas por 16 fragmentos textuais. A segunda lição a ser aprendida é que as comemorações, por um lado, detêm a potencialidade de desacelerar o caos, estimular o consenso e promover

a harmonia entre os grupos, por outro, podem desencadear conflitos e tensões. Nesse sentido, somos interrogados: qual é, então, o significado das comemorações do aniversário dos 30 anos da Associação Brasileira de História Oral? (Ferreira; Santhiago, 2024). A resposta é óbvia, mas é crucial lembrar que o óbvio deve ser dito, escrito e revisitado. Comemorar significa preservar e garantir os princípios que nortearam a atuação da ABHO durante esses 30 anos. É uma forma de resistência frente à atual conjuntura que deslegitima o papel das instituições.

A “plasticidade do método” é um convite ao leitor para o exercício e questionamento sobre a natureza do conhecimento, articulado nas tramas do diálogo. Os fragmentos revisitam as experiências de pesquisa com o intuito de entrelaçar os desafios interpretativos, os contornos mutáveis e as múltiplas formas de articulação entre testemunhos e outras fontes do presente. Da ponta ao cabo, ou do meio para a frente, a plasticidade do método é cristalizada. A imagem do farol retorna. A história oral proporciona luz, pois você aprende *durante a feitura da fonte* (Gomes; Alberti, 2024). É uma possibilidade de moldar e ser moldado em diferentes contextos, interlocuções e abordagens teóricas, sem perder a sua singularidade. A cada encontro e pesquisa, há uma reinvenção, uma plasticidade. Os intelectuais que compõem esta primeira parte enfatizam a postura de escuta e respeito, bem como a história oral como uma ferramenta social nas comunidades e cidades.

Um campo vasto e mutante. A segunda parte do livro revela uma constatação: a produção intelectual em história oral, nos últimos anos, teve um papel crucial na consolidação de modelos de pesquisa e de novas linhas interpretativas sobre esses campos. É um percurso que se estende por um longo período, com comparações frontais e laterais que, embora íngremes, são inevitáveis. Ao operar com dimensões fundamentais a partir dos conceitos de memória e história, ocorre um embricamento que se manifesta na narrativa oral. Em linha de trabalho semelhante, os intelectuais dedicam-se a uma análise de projetos que orbitam significativamente a história oral e permitem o reconhecimento de duas dimensões fundamentais, como a noção de dever de memória e os crimes de violação de direitos humanos. É um movimento que cristaliza a importância de escutar e dar atenção à dor e à visibilidade das resistências.

A experiência encontra sentido e repouso nas narrativas, que, apesar de fragmentadas, constituem um mosaico, uma paisagem, modos de ser, estar e relacionar-se com o mundo. Em síntese, a história oral tem a potencialidade de dar concretude a determinadas experiências, uma vez que explora dimensões que, anteriormente, estavam apagadas, veladas ou negligenciadas. É uma forma de história oral que implica um posicionamento político, por meio da experimentação e da percepção de que a relação entre o pesquisador e o interlocutor é, antes de tudo, uma escolha comunitária. A meu ver, os seis fragmentos que compõem o vasto campo da história oral desvelam caminhos possíveis a partir do entrecruzamento entre a noção de experiência, memória e oralidade, que, por seu turno, fornecem subsídios fundamentais como estabelecer a

história oral como uma forma de registro da vida cotidiana considerando as diferentes camadas temporais e espaciais em um mesmo espaço de experiência. É um território onde os ecos ressoam dos primeiros 30 anos da ABHO, com temas que se tornaram vetores, tramas e linhas mestras de um campo plástico. A meu ver, a terceira e última parte adentra as tramas metodológicas de experiências concretas de pesquisa. Aqui, ganham corpo e forma questões que não ocupavam o centro da pauta de pesquisas com história oral. A escolha desses temas revela uma escuta sensível por parte de pesquisadores e pesquisadoras, atentos às inquietações e às demandas que ressoam, intensas, no presente.

As experiências bordadas ao longo do livro compartilham uma característica essencial: são construídas em um processo colaborativo, permeado por negociações e debates. Esse aspecto é fundamental para pesquisas que utilizam a história oral como caminho, ao possibilitar a reflexão e a autorreflexão sobre as suas potencialidades e os inúmeros desafios inerentes à metodologia. Trata-se sempre de um percurso que desdobra outros, já que, ao longo de seus 30 anos de atuação, a ABHO não consolidou a história oral como uma estrutura rígida e imutável, mas como um campo em permanente movimento, atravessado por múltiplas conexões e continuamente transformado – em síntese, plástico.

## Referências

- DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. *O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas*. São Paulo: Planeta, 2021.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Historia oral: una brújula para los desafíos de la historia. *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, n. 28, p. 141-52, 2002.
- MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. Letra e Voz, 2016.
- SANTHIAGO, Ricardo. Método, metodologia, campo: a trajetória intelectual e institucional da história oral no Brasil. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, SP, 2013.

Recebido em: 01/04/2025

Versão final rerepresentada em: 08/04/2025

Aprovado em: 15/04/2025.